

“Imbrochável, incomível e imorrível”: Uma análise do bolsonarismo à luz das masculinidades¹

Carlos Junio de Oliveira Assunção²
Esmael Alves de Oliveira³

Resumo: Neste artigo, voltamo-nos à análise de alguns discursos proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro à luz do campo das masculinidades. Interessou-nos, sustentados na perspectiva foucaultiana do discurso enquanto prática discursiva, compreender qual masculinidade é produzida a partir de um discurso caracterizado por uma declarada e indisfarçável misoginia, sexismo, racismo e LGBTfobia. Assim, ao mapear e analisar notícias e postagens disponibilizadas em mídias sociais (noticiários online, plataformas digitais, redes sociais etc.) objetivamos deslindar a narrativa ideológica bolsonarista em torno de uma masculinidade pretensamente “imbrochável, incomível e imorrível”.

Palavras-chave: Masculinidades; Bolsonarismo; Psicologia; Mídias sociais; Discurso.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGpsi/UFGD). Atualmente é psicólogo judicial do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul (TJ/MS). Email: cjoliveiramg@yahoo.com.br.

³ Graduado em Filosofia (UFAM) e Psicologia (UFGD). Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Docente nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Email: esmaeloliveira@ufgd.edu.br

Introdução

Neste artigo apresentamos alguns dados de pesquisa que compuseram a dissertação de mestrado cujo título é “Imbrochável, incomível e imorrível”: uma análise das masculinidades à luz do discurso bolsonarista” (ASSUNÇÃO, 2023), defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGpsi/UFGD) – desenvolvida pelo primeiro autor e co-orientada pelo segundo. Sustentados na perspectiva de discurso foucaultiana, enquanto práticas, debruçamo-nos sobre algumas falas proferidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro a fim de compreender qual masculinidade é produzida a partir de um discurso caracterizado por uma declarada e indisfarçável misoginia, sexismo, racismo e LGBTfobia.

Nesse percurso de pesquisa, mapeamos e analisamos algumas mídias sociais com o objetivo de localizar notícias e postagens cujo foco eram os pronunciamentos oficiais e não oficiais do ex-presidente em que o conteúdo era expressivo do posicionamento político-ideológico conservador de Bolsonaro com relação a minorias e pautas morais. Em termos metodológicos, inspiramo-nos em trabalhos de caráter qualitativo e que têm se utilizado das mídias, redes e plataformas digitais como fonte de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais (DUQUE; SEFFNER, 2022; STRAUSS, 2020; ZANELLO, 2020). Nosso desafio foi pensar não apenas em como se materializa tal constituição política e subjetiva, mas como ela se articula a processos sociais mais amplos, tais como o que ocorre em escala global com o crescimento de movimentos e partidos políticos ligados à extrema direita.

Nesse exercício de deslocamento e articulação entre o local e o global, composto pelas transformações do lugar das redes sociais e das plataformas digitais como “mediadores” do debate público, aos poucos o que poderia parecer um fenômeno pontual e isolado, tornou-se complexo e poroso. Devemos explicitar que ao longo de

todo o artigo masculinidade é compreendida de acordo com a elaboração de Raewyn⁴ Connell: “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188). Nessa configuração, a masculinidade é sempre plural e relacional. Trata-se de pensar que a noção de homem, além de uma construção sociocultural, encontra diferentes configurações e sentidos (NASCIMENTO, 2001).

É assim que o conceito de “masculinidade hegemônica” se impõe como categoria analítica fundamental. De acordo com Connell (1995), tal masculinidade pode ser compreendida como um padrão de práticas que possibilita que a dominação dos homens sobre as mulheres seja naturalizada, justificada e reiterada. Para Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) a masculinidade hegemônica se define como:

um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Sobre o cenário político em tela, é importante dizer que, embora o mandato de Bolsonaro tenha durado quatro anos (2019-2022), a pesquisa não teve como propósito debruçar-se sobre todo o conteúdo discursivo produzido ao longo do governo do ex-presidente. Compreendemos que, na perspectiva da análise do discurso, mais do que uma catalogação de enunciados, a atenção volta-se para aquilo que se repete, escapa, e se constitui enquanto uma trama discursiva produtora de realidades e de posições de

⁴ Embora em suas primeiras publicações a autora se identificasse como Robert Connell, após seu processo de transição de gênero passou a assumir-se como Raewyn Connell. Em respeito à identidade de gênero da pesquisadora, optamos por utilizar o nome feminino.

sujeitos. Como assinala Michel Foucault, é “como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 1996, p. 9).

De acordo com Conrado Sathler e Esmael Oliveira, “não há uma origem discursiva, somos constituídos pelos discursos e, ao mesmo tempo, somos seus produtores” (2021, p. 62). Nesse sentido, ressaltamos que o machismo, tal como identificamos no discurso bolsonarista, não se inaugura com e nem se restringe a ele. Antes, se ancora em um conjunto de práticas socialmente sedimentadas ao longo do tempo seja a nível local ou global, e que só pode ser devidamente compreendido a partir de complexas dinâmicas psicossociais e socio-históricas. Não por acaso, Foucault (1996), em sua obra *A ordem do discurso*, propõe analisar os discursos em nossa sociedade a partir dos processos de deslocamento e enunciação.

Ao considerar o discurso como práticas discursivas, o referido autor busca evidenciar as dinâmicas de saber-poder que o engendra destacando, assim, a interrelação entre poder, conhecimento e linguagem. Afinal, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos.” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Foucault argumenta que o discurso não apenas descreve o mundo, mas também o constitui, influenciando a forma como os sujeitos se percebem e se relacionam com os outros. Isso é especialmente relevante para a análise das masculinidades, pois os discursos sobre gênero não apenas refletem, mas também moldam as identidades masculinas e as hierarquias de poder associadas a elas.

Ao aplicar a análise do discurso de Foucault às dinâmicas discursivas relacionadas às masculinidades, é possível obter uma compreensão mais profunda das maneiras como as normas de gênero são construídas, contestadas e reforçadas através do discurso. Isso permite uma análise crítica das representações culturais e das práticas

sociais que moldam as experiências dos homens e influenciam as relações de poder de gênero na sociedade.

Compreendemos, dessa forma, que os discursos produzidos pelo bolsonarismo e seus partidários, em todas as suas formas de enunciação, são mecanismos eficazes no processo de materialização de ideias, comportamentos e valores normativos, ou seja, incidem diretamente em processos de subjetivação de uma masculinidade cisheterocentrada. Com Foucault e a partir dele, questionamos a ideia de que o discurso reflete uma realidade objetiva e inquestionável, ao contrário, enquanto formações discursivas, produzem efeitos de poder e conhecimento. Trata-se, portanto, de analisar criticamente as relações de poder presentes nos discursos sobre masculinidades, desafiando as narrativas dominantes e evidenciando suas implicações políticas e sociais.

Portanto, se o discurso aqui é entendido enquanto materialidade que produz sentido e realidade, as narrativas do ex-presidente são apresentadas e analisadas como um dispositivo político e simbólico que, pelo discurso de ódio, misoginia, homofobia, mentira (*fake news*), defesa armamentista, estímulo à violência, dentre outros, compõe um artefato discursivo de produção de homens (WELZER-LANG, 2001). Para Joan Scott (1995), os debates sobre gênero são fruto do esforço feminista para incluir uma nova análise nas desigualdades persistentes entre homens e mulheres. Nesse aspecto, a partir da leitura que a autora faz de Michel Foucault, ela busca evidenciar as relações de poder que atravessam o lugar de diferença social que é atribuída a homens e mulheres ao longo do tempo.

É assim que o conceito de casa dos homens se torna elucidativo. Essa categoria foi utilizada pelo sociólogo francês Daniel Welzer-Lang (2001) e atualizada no Brasil pela psicóloga Valeska Zanello (2020). A casa dos homens, mais do que um espaço “físico” constitui-se como um “espaço” simbólico e relacional, constituído por códigos, ritos e valores que, via reiteração das normatividades, visa forjar os “grandes” homens. De acordo com os(as) autores(as), nesse processo, a misoginia e a homofobia, a partir

da lógica de exclusão e afastamento dos homens de todo o universo das mulheres e do que é significado como “feminino”, tornam-se a matéria prima de tal empreendimento.

Para fins de organização do pensamento o artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira, apresentamos um breve balanço sobre os estudos de gênero e masculinidades no interior da psicologia brasileira. Na segunda, buscamos evidenciar alguns elementos que compõem a ideologia de extrema-direita e que se articulam na configuração de uma masculinidade autoritária. Na terceira, tomando como disparador o contexto de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, estabelecemos uma conexão entre o bolsonarismo e as heranças sexistas e misóginas da sociedade e da política brasileira buscando questionar a noção de “novidade” de tal espectro político. Por fim, por meio da seleção e análise de alguns discursos de Bolsonaro, buscamos confrontar uma masculinidade que, como vontade de verdade, se pretende “imbrochável, incomível e imorrível”.

Gênero, Masculinidades e Psicologia: um debate contemporâneo

Os estudos de gênero e masculinidades não são objeto exclusivo de uma única ciência ou campo de pesquisa, pelo contrário, estamos diante de um fenômeno multifacetado e que tem sido problematizado por autoras e autores oriundos das mais diversas áreas do conhecimento: Sociologia, Antropologia, História, Filosofia, Psicanálise, Saúde Coletiva, dentre outros. Mas e a Psicologia, como vem se envolvendo nos estudos de gênero e masculinidade? De antemão é preciso dizer que a psicologia brasileira, embora de modo lento, ao longo das últimas décadas tem se mostrado compromissada com uma perspectiva crítica acerca dos debates sobre gênero e sexualidades, de modo a fornecer meios de repensar as desigualdades entre homens e mulheres sob um viés psicossocial destacando seus efeitos psíquicos, subjetivos e político-sociais (JACÓ-VILELA, CURADO, 2021).

No âmbito internacional, em 2018, a Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association ou APA, em inglês), por meio do “APA GUIDELINES for Psychological Practice with Boys and Men” sinalizou os prejuízos advindos da construção machista, descrita como uma masculinidade prejudicial tanto para os homens quanto para as pessoas com as quais se relacionam. No Brasil, Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) destacam que as produções sobre masculinidades começam a se difundir a partir da década de 80, ainda que “a partir de trabalhos produzidos de maneira ainda pouco sistemática, com concentração em autores específicos e sem necessariamente se desdobrarem em uma discussão teórica, epistemológica, política e ética ampla e consistente sobre o tema” (MEDRADO, LYRA, 2008, p. 809).

É importante destacar os trabalhos pioneiros dos próprios autores (Medrado & Lyra) ao longo das décadas de 90 e anos 2000. Em 1997, Medrado em sua dissertação de mestrado analisou as masculinidades a partir das propagandas de televisão. No mesmo ano, Jorge Lyra por sua vez, em sua pesquisa de mestrado voltou-se ao tema das masculinidades a partir do debate paternidade e juventudes. Nos anos 2000, já no doutorado, Lyra (2008) debruçou-se sobre as políticas públicas voltadas aos direitos sexuais e reprodutivos dos homens entre os anos de 2003 e 2006. Dentre as atuais preocupações dos pesquisadores em torno das masculinidades encontra-se a saúde do homem (MEDRADO et al, 2021; SAMPAIO, MEDRADO, LYRA, 2021).

Outra importante pesquisadora da área é Valeska Zanello, psicóloga, professora da Universidade de Brasília (UnB) e que compõe o Grupo Psicologia e Estudos de Gênero da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Zanello vem conduzindo estudos voltados ao campo das masculinidades em uma perspectiva de gênero. De acordo com a pesquisadora, os estudos de masculinidade surgiram, no Brasil, na década de 70, e seguiu por dois caminhos. Em um primeiro caminho, centrou-se no estudo da masculinidade despolitizada, como um fim em si mesmo, já o segundo, em uma perspectiva relacional, com respaldo no movimento e na

crítica feminista: “por entendermos gênero como uma categoria essencialmente política, que, como tal, é eminentemente relacional, passando pela distribuição desigual de poderes e privilégios. Ou seja, é impossível pensar as masculinidades sem relacioná-las às mulheres”. Para a autora,

(...) parte-se do princípio que não se nasce homem, torna-se homem. Ou seja, existem certas formas de masculinidade que são interpeladas, pela cultura, em determinado momento histórico. No caso de nosso país, certa forma de masculinidade (hegemônica) que é danosa para os próprios homens e para todos e todas aqueles/aquelas com quem eles têm convivido (ZANELLO, 2020, p. 80).

Em outro trabalho, Valeska Zanello e René Silva (2012) ressaltaram que: “o conceito ‘gênero’ surgiu a partir do movimento feminista como categoria de descrição e análise de interações sociais, contrapondo-se ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’”. Zanello e Silva (2012) realizaram uma pesquisa em hospitais psiquiátricos do Distrito Federal, onde, por meio da análise de prontuários médicos de pacientes homens e mulheres, constaram que a categoria gênero ainda é subestimada quando se trata de transtorno mental, segundo os autores: “o gênero ainda tem sido subestimado nos estudos em saúde mental. Pode-se perceber isso na própria história do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM)” (ZANELLO; SILVA, 2012, p. 269).

Dessa forma, Zanello e Silva (2012) ressaltam que, embora haja uma tímida mudança, o gênero mostra-se invisível às análises de adoecimento psíquico como fator condicionante ou determinante, reforçando a necessidade de atenção, por meio de reflexão e discussão do tema no interior da psicologia e nos campos da saúde. Como foi dito anteriormente, é importante marcar que nem sempre, no interior da psicologia brasileira, gênero se constitui como um tema central nos estudos e análises, sobretudo quando se considera as especificidades das várias abordagens e tradições teórico-metodológicas (JACÓ-VILELA, CURADO, 2021).

Em pesquisa recente, Petra Torga (2019), à luz do pensamento de Simone de Beauvoir, problematizou a supervalorização do homem na psicanálise freudiana. Outros/as autores/as, como Luce Irigaray (2017) e Paulo Ceccarelli (2013) também enfatizaram o caráter machista da Psicanálise, baseada em uma perspectiva falocêntrica em que o homem ocupa posição central. Ceccarelli (2013), inclusive, faz uso de trecho emblemático de Bourdieu (2002):

Não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento desta visão de mundo [androcêntrica], e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gênero, construídos como duas essências sociais hierarquizadas. (BOURDIEU, 2002 apud CECCARELLI, 2013, p. 83)

Recentemente, Jacy Curado e Ana Maria Jacó-Vilela (2021), realizaram análise quantitativa e qualitativa em três periódicos da Psicologia, visando uma crítica à própria área a partir dos efeitos teóricos, metodológicos e epistemológicos dos debates de gênero e seus impactos na produção do conhecimento psicológico brasileiro. As autoras apontaram conclusões relevantes, por exemplo, que os estudos sobre gênero, na Psicologia, vêm ocorrendo por meio de discussões temáticas de campos de conhecimento tradicionais, como saúde, educação, trabalho e violência.

Além disso, Curado e Jacó-Vilela (2021) destacam que a Psicologia apresenta “dificuldades de sair do lugar androcêntrico, etnocêntrico, classista e heterossexista que caracteriza a produção de conhecimento na área da psicologia”. De acordo com as pesquisadoras:

O cenário apresentado da relação entre os estudos de gênero e psicologia aponta, portanto, que, apesar do número expressivo de publicações e autores que estão publicando sobre gênero na área de psicologia, não podemos considerar que estejam alterando de forma significativa as teorias e métodos das principais abordagens psicossociais da psicologia. As aproximações são mais com questões temáticas, em que se empresta os conhecimentos

feministas para as análises de problemas psicossociais, sem haver, contudo, um impacto nas teorizações da psicologia – apesar de alguns posicionamentos críticos e denúncias contundentes. Isso demonstra um distanciamento com as teorizações e epistemologias feministas e de gênero. Diante dessas considerações, propomos uma maior sensibilização para que espaços de discussão das relações entre gênero e psicologia sejam ampliados e se tornem mais do que uma forma de fazer psicologia engendrada, mas também de resistir às invisibilidades ainda tão persistentes em nosso campo de conhecimento. (CURADO, JACÓ-VILELA, 2021, p. 13)

Daniel Barral (2019), em trabalho de dissertação de mestrado, realizou uma revisão sistemática da literatura brasileira em psicologia acerca das masculinidades, por meio dos bancos de dados “IndexPsi Periódicos Técnico-Científicos”, “IndexPsi Divulgação Científica”, “PePSIC”, “LILACS” e “SciELO”, buscando estimar o impacto que os estudos das masculinidades tiveram sobre a Psicologia. Em convergência com outros achados expostos no presente estudo, Barral identificou que “Os artigos reunidos nessa revisão convergem em sugerir que o Brasil possui um entendimento sexista da masculinidade, pautado por valores tradicionais que reforçam o machismo” (BARRAL, 2019, p. 44).

Mais recentemente, há uma geração de pesquisadores e pesquisadoras da psicologia comprometidos/as com o debate sobre masculinidades a partir de variados recortes teóricos e metodológicos. Temas como masculinidades e espaços de homosociabilidade (NOWAK, 2022) e masculinidades e aplicativos de relacionamento (BAYDOUN, 2020) emergem como potentes contribuições contemporâneas no interior da psicologia brasileira para a compreensão das nuances e complexidades que cercam “o mundo dos homens”. Tais reflexões nos desafiam a novos desdobramentos. E o que dizer da relação entre masculinidades e o campo político?

Masculinidades e espectro político autoritário de extrema-direita

Carapanã (2018) analisa o ressurgimento da direita e o destaque de líderes autoritários de tal espectro político, no Brasil e no mundo. No Brasil, de acordo com o

autor, tal movimento esteve associado ao antipetismo e ao uso da *internet* como plataforma política. Em todos os casos, o que se tem em comum são o conservadorismo, libertarianismo e reacionarismo, flertando com valores que remetem ao fascismo. Nessa configuração político-ideológica, que masculinidade se constitui e institui? Não por acaso a antropóloga Rosana Pinheiro Machado (2021) ao analisar a invasão do capitólio nos EUA utiliza a expressão movimento masculinista.

De acordo com a pesquisadora, tal “movimento” político-ideológico tem como base alguns pressupostos:

O princípio dos grupos tribalistas masculinos, ou masculinistas, é primeiro um ódio às mulheres, uma ideia de que as mulheres são objetos para reprodução humana simplesmente. Muitos dos grupos masculinistas norte-americanos defendem que as mulheres têm que ser caçadas, literalmente, e que nós só servimos para reprodução (MACHADO, 2021).⁵

Para Daniella Silva (2022), a nova direita extrema mostra-se atenta ao poder do discurso e possui diferenças internas que podem estar ligadas a características nacionais e regionais. Ou seja, em cada país ou até mesmo regiões de diferentes países, pode adquirir configurações específicas. Porém, há algo que se revela essencial na nova direita extremada: o populismo e o nacionalismo ou ultranacionalismo. De acordo com a autora, ambos os aspectos estão presentes no discurso da extrema direita. Ainda segundo Silva (2022), a nova extrema direita traz em seu discurso um forte viés populista, marcado por um tom de democracia, ainda que tal noção não encontre correspondência no *modus operandi* dos movimentos extremistas no Brasil e no mundo.

Cas Mudde (2021) explicitou que, em geral, o extremismo de direita rejeita a crença na soberania popular, representada pelo sistema eleitoral em que cada pessoa representa um voto. Nesse caso, o populismo torna-se um meio pelo qual se atrai o eleitorado frustrado com o sistema tradicional político, dando origem ao *anti-establishment* (antissistema). Tal discurso, ainda segundo o autor, cria para o povo

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582226> Acesso em: 09 abr. 2024.

uma sensação de voz e pertencimento, em uma relação em que o ódio se mostra da seguinte forma: nós contra eles. Tal discurso se utiliza, também, de pautas como anticorrupção, por políticos *outsiders* cuja trajetória nem sempre está vinculada ao campo da política partidária⁶.

Como resultado desse fenômeno, ocorre o povo contra o sistema, ou contra a “política tradicional”. Por isso, o populismo fornece poder de agregar vários perfis de pessoas, atingindo uma ampla gama de perfis do eleitorado. Na mesma toada, se faz presente o nacionalismo, carregando discursos de defesa da nação acima de qualquer obstáculo, em perfeita sintonia com o *slogan* “Brasil acima de todos e Deus acima de tudo” – e que serviu como slogan eleitoral utilizado por Bolsonaro nas eleições de 2018 – , gerando sentimento coletivo em torno de aspectos, como: patriotismo, conservadorismo moral, em prol da família e bons costumes (SILVA, 2022).

Segundo Mudde (2021), os valores de direita extrema ou radical são opostos à democracia. No entanto, em todas as sociedades há propensão a aceitá-los a partir dos valores que pregam e mobilizam. Por isso, a direita radical é tratada, em algumas correntes da teoria política, como “patologia normal”. Pois, em condições extremas, tais valores emergem como políticas relevantes já que se mostram como alternativa diante de incertezas e crises.

A tese da patologia do normal prevê que, em contextos de incertezas, alterações culturais, mudanças socioeconômicas e descrédito nas instituições e mecanismos de Estado, a extrema direita encontra terreno fértil para se difundir entre amplos setores da população. Como, por exemplo, o fascismo pré-guerra e o nazismo, ou, ainda, na sociedade pós-industrial ou ante a globalização (MUDDE, 2021). Nesse sentido, Mudde (2021) propõe outra análise sobre a direita radical: adota o enfoque na oferta, ao invés da demanda, explicando sua teoria em termos ideológicos e atitudinais, articulando com

⁶ No Brasil, são exemplos o ex-governador de São Paulo – João Doria (2019- 2022) - e o atual governador de Minas Gerais – Romeu Zema (2019- atual) - , ambos empresários que se lançaram na cena política nacional brasileira sem possuir tradição político-partidária.

os aspectos nativismo, autoritarismo e populismo. O autor, ainda, refere-se ao desvio de foco desses partidos, deslocando a atenção de questões políticas, em sua essência e finalidade, como questões socioeconômicas, para mirar questões culturais – pauta de costumes - ou questões do comportamento individual - como a orientação sexual.

Luis Felipe Miguel (2018) analisa a direita brasileira sob três aspectos fundamentais: o libertarismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo. No primeiro caso, há a valorização e defesa do livre mercado em relação às pessoas e questões sociais; já o fundamentalismo religioso é aguerrido na oposição às pautas como o direito e descriminalização do aborto, novas configurações familiares e combate à homofobia. Por fim, há o ressurgimento, desde a Guerra Fria do fantasma anticomunista que surge no Brasil associado ao “bolivarianismo” da Venezuela. Não por acaso, ao longo da campanha eleitoral de 2018 e 2022 houve intensa mobilização do bolsonarismo e de sua base aliada no sentido de mobilizar a população para os “perigos” do Brasil se tornar Cuba ou Venezuela, caso candidatos não adeptos à extrema direita, como Haddad em 2018 e Lula em 2022, ganhassem as eleições respectivamente.

Com relação à pauta dos “costumes”, o bolsonarismo engajou-se ativamente na defesa ferrenha de “Deus”, pátria, “família” e propriedade. Em todos esses valores, concepções bastante definidas sobre o divino (tomado como sinônimo de cristão/cristianismo), sobre família (tomado como sinônimo de pequeno-burguesa), patriotismo (tomado como sinônimo de xenofobia) e propriedade privada (em torno da qual se articulam valores neoliberais de meritocracia e livre iniciativa). Em tal configuração, há a exaltação de uma masculinidade muito específica: a do homem branco, cristão, heterossexual, patriarca. Contrapondo-se a isso, estão homens gays, mulheres, e outras minorias. É importante dizer como já assinalava Daniel Welzer-Lang (2001) e Valeska Zanello (2020) como tal modelo de masculinidade está sustentado em uma aversão a tudo o que possa aludir a noção de feminino ou feminilidade.

Qualquer semelhança não é mera coincidência

Se ao longo dos últimos quatro anos (2019-2022), o bolsonarismo representou uma série de retrocessos em nível econômico, político e social, apesar disso não é possível sustentar seu ineditismo. Ao contrário, é importante fazer um retorno ao ano de 2016 e observar todas as articulações político-ideológicas em torno do processo de *impeachment* da então presidenta da república Dilma Rousseff. Já naquele momento, as inúmeras imagens veiculadas sobre Dilma, em formas de notícias, charges, montagens fotográficas e etc., ora como incompetente, ora como louca, ora como um corpo a ser violado, davam conta da misoginia como pano de fundo (LIMA, 2018; SILVA *et al*, 2018). Bolsonaro, naquele momento ainda no exercício do mandato parlamentar de deputado federal (cargo exercido por ele, até aquele momento, por nada menos do que vinte e oito anos) foi um dos apoiadores do processo.

Naquela oportunidade, deputados e deputadas, senadores e senadoras, ao se manifestarem favoráveis ao processo, declaravam tratar-se de um manifesto em “respeito aos homens e mulheres”, “pela democracia”, “pelo futuro deste país para nossos filhos e nossos netos”, “pela minha família”, “em defesa da vida, da família e da fé”, dentre outros (PRANDI, CARNEIRO, 2018). Não por acaso, Elizabeth Lima (2018) desvendou a trama, envolvendo poder e o cargo de presidenta da república, entre Dilma Rousseff e seu vice, Michel Temer no ano de 2016. Lima (2018) alertou sobre a questão de gênero envolvendo o *impeachment* de Dilma, cujo terreno, político, teve um indisfarçado caráter machista, motivado pela não aceitação da ascensão de uma mulher ao poder.

Nesse contexto, Lima (2018) destacou que Dilma foi vítima de um machismo instalado, inclusive com apoio de algumas mídias sociais. Naquele momento, aos idos de 2016, o Brasil vivenciava um momento político conturbado, onde se desenrolava

uma grande operação judicial encabeçada pelo então ministro da justiça Sérgio Moro⁷, em cooperação com o então procurador do Ministério Público Federal de Curitiba Deltan Dallagnol, com o propósito de investigar um suposto esquema de corrupção⁸ que envolvia lavagem de dinheiro por meio de propina praticado por políticos de diversos partidos, inclusive os governos petistas (aludidos aos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff). Tal “caça às bruxas” foi fundamental para a consolidação de um sentimento anti-petista em amplos setores da população brasileira.

Essas mobilizações, ancoradas em um forte espectro conservador e moralista, foram fundamentais para a destituição de Dilma e posteriormente para a eleição presidencial de Bolsonaro em 2019. Isso nos ajuda a pensar alguns aspectos presentes na trama política brasileira e que situam a eleição de um governo machista e misógino como o de Bolsonaro, e suas articulações com uma masculinidade hegemônica como um projeto político-ideológico que se constrói e se estende no tempo (LIMA, 2018; SILVA *et al*, 2018) e que se sustenta em uma cultura machista (ALBUQUERQUE JR, 2013). Portanto, é importante ressaltar que tal violência política de conotação evidentemente misógina e sexista, não se inaugura com o bolsonarismo. O desafio é reconhecer nossas heranças autoritárias.

Na obra *Sobre o autoritarismo brasileiro* a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz (2019) resgata os processos sociais, políticos e ideológicos que constituem e sustentam o autoritarismo no Brasil, desde a colonização até os dias atuais. Ao percorrer as tramas da história colonial até o tempo presente, Schwarcz descortina como a escravidão e o racismo, o mandonismo, o patrimonialismo, a corrupção, a desigualdade social, a violência (racial e de gênero) e a intolerância estão nas raízes da sociedade

⁷ Juiz de primeira instância da 13ª Vara Federal em Curitiba que liderou a Operação Lava Jato e posteriormente, após eleição de Bolsonaro, foi indicado ao cargo de ministro da Justiça. Sua atuação foi fundamental para a prisão do até então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Após vários recursos da defesa de Lula, em julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) ficou comprovada a parcialidade de Moro na Operação, razão pela qual os ministros se manifestaram pela anulação da condenação de Lula.

⁸ Acusação que, após julgamento no STF, mostrou-se infundada. Resultando na anulação da condenação do – até então – ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, até aquele momento condenado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) pela acusação de corrupção passiva e de lavagem de dinheiro.

brasileira e funcionam como substrato para o surgimento e a manutenção de regimes autoritários. De acordo com a pesquisadora, trata-se de “[...] reconhecer algumas das raízes do autoritarismo no Brasil, que têm aflorado no tempo presente, mas que, não obstante, encontram-se emaranhadas nesta nossa história de pouco mais de cinco séculos” (SCHWARCZ, 2019, p. 26).

Deste modo, se o bolsonarismo não é uma realidade em si mesma, mas antes é produto de processos sociais, políticos, econômicos e simbólicos mais amplos, trata-se de pensá-lo como uma arbitrária “[...] *performance* política e cultural” (SCHWARCZ, 2019, p. 219) que nem por isso deixa de produzir efeitos em nível das práticas e subjetividades. Nesses termos, o que valores como poder, força, virilidade, desempenho, defesa de armas, exploração da natureza e de seus recursos naturais, de estímulo à violência, ódio às mulheres e outras minorias, nos dizem sobre a masculinidade performada pelo discurso do bolsonarismo?

Discurso bolsonarista e sua fábrica de homens

Em nosso percurso de mapeamento dos discursos de Bolsonaro, não tivemos intenção de abarcar todo o período em que exerceu a função presidencial. Na perspectiva do discurso enquanto uma prática que circula aqui e ali e que, portanto, mantém certa regularidade (SATHLER, OLIVEIRA, 2021), os fragmentos selecionados buscam compreender e visibilizar as materialidades discursivas que dão “corpo” à masculinidade ficcionalizada pelo bolsonarismo no Brasil. Para os propósitos do presente artigo, selecionamos parte do material presente na dissertação (ASSUNÇÃO, 2023).

Se, conforme Foucault (1996), o discurso é operado por vários procedimentos e utiliza de uma repetição constante, dizendo sempre o mesmo de modo diferente, interessou-nos as regularidades, as repetições, a vontade de verdade configurada nas contínuas reiterações presentes nas falas de Bolsonaro. Ao acessar, selecionar e analisar

alguns discursos do ex-presidente, foi possível o estabelecimento dos seguintes eixos temáticos: 1. Masculinidade e invulnerabilidade em saúde; 2. Masculinidade e virilidade; 3. Homofobia e lugar social da mulher; e 4. Símbolos de masculinidade. É importante ressaltar que de modo algum tal classificação esgota as possibilidades analíticas do material selecionado. Além disso, é importante sinalizar as variadas possibilidades de articulação entre os eixos temáticos.

Eixo temático 1 - Masculinidade e invulnerabilidade em saúde.

“...No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão...”⁹ e “...não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas...”¹⁰

O primeiro trecho de discurso foi emitido por Jair Bolsonaro por meio de pronunciamento oficial em transmissão por televisão, no mês de março de 2020, em decorrência do surgimento do novo coronavírus causador da covid-19. Esse vírus foi descoberto em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde caracterizou-o como pandemia. Em 26 de fevereiro de 2020, o Brasil registrou o primeiro caso de covid-19 em um homem que havia retornado da Itália. Em março de 2020, o novo coronavírus possuía uma taxa de letalidade média de 3,6%, com variação entre países de 0% a 6,6%. Àquela altura, a Organização Mundial de Saúde (OMS) lançava um alerta mundial informando sobre a gravidade da

⁹ Site BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

¹⁰Site Uol. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/11/10/tem-que-deixar-de-ser-um-pais-d-e-maricas-diz-bolsonaro-sobre-covid-19.htm>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

nova infecção e da importância da adoção de medidas sanitárias para a contenção do vírus.

Em março de 2023, três anos após o primeiro caso de infecção, o Brasil registrou 700 mil mortes por esse vírus, tendo acometido vítimas de diversas faixas etárias, incluindo pacientes sem histórico de comorbidades, inclusive atletas. Em março de 2022, o mundo alcançou a marca de seis milhões de mortes por covid-19. Um estudo publicado na revista “*The lancet*” alertava para o fato de que o número de mortes por covid-19 pode ser três vezes maior do que os registros oficiais. Durante a pandemia, dado o descaso do governo federal na gestão da pandemia, o Brasil sempre ocupou os primeiros lugares de mortos pela doença. Ao aludir ao fato de que se trataria de uma mera “gripezinha”, o então presidente não apenas relativizava a gravidade da pandemia mas reiterava um imaginário de que alguns homens, pelo fato de serem homens, estariam imunes a qualquer perigo ou letalidade.

Pesquisas no campo da saúde, a partir de diversos recortes teórico-metodológicos, têm destacado os efeitos danosos dos imaginários sociais acerca da masculinidade hegemônica na saúde dos homens no Brasil e no mundo. Não por acaso, homens morrem, significativamente, mais que mulheres seja em decorrência da negligência com as próprias condições de saúde seja como resultado de práticas e/ou situações violentas (SOUZA, 2005; GUERRIERO, AYRES, HEARST, 2002). Com relação a este aspecto, Albuquerque Júnior (2013) assinalou sobre traços de tal masculinidade:

Os homens podiam se aventurar porque em “homem nada pegava”. É como se o corpo masculino fosse fechado, não só à penetração de um membro viril, mas a qualquer mal que lhe pudesse acontecer, mesmo a qualquer pecha moral que fosse assacada contra ele. As memórias falam de homens que se colocavam em situações de extremo perigo, cômicos de uma espécie de invulnerabilidade. A onipotência masculina se expressa em atitudes que punham constantemente em risco a sua vida e a vida de outras pessoas, isso não importava se era necessário provar que era macho. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 223)

Assim, o discurso utilizado por Bolsonaro possui a mesma dinâmica de homens que se expõem à alta velocidade para validar sua masculinidade ou homens que se recusam a buscar tratamento médico para uma doença. Em todos esses exemplos, há um discurso, baseado em força, virilidade e outros aspectos, no qual o homem se vê inatingível, incapaz de reconhecer sua fragilidade frente a uma doença desconhecida. Assim o “ser atleta” torna-se sinônimo de sentir-se forte, imune a doenças e aos riscos. Como resultado, estimulados por um possível caráter não “letal” do vírus, defendido pelo presidente e por parte de sua base aliada, a população relativizou o autocuidado e as medidas sanitárias recomendadas pelos organismos de saúde.

Já o segundo discurso foi emitido por Jair Bolsonaro, em novembro de 2020, durante um evento destinado a empresários do setor de turismo. A fala refere-se à pandemia da covid-19, por isso, também permite uma análise de relação saúde-masculinidade, pois ao mesmo tempo em que minimiza efeitos de um vírus letal, revela, de modo equivocado, uma concepção errônea sobre riscos a doenças.

Ou seja, vê-se uma relação marcada por exposição a riscos desnecessários, uma vez que as consequências, em alguns casos fatais, são reduzidas ou ignoradas por uma masculinidade que imagina ser indestrutível. Conforme apontam Guerriero, Ayres e Hearst (2002, p. 59) “Pode-se considerar que as questões de gênero constituem fatores importantes da vulnerabilidade.”

Eixo temático 2 - Masculinidade e virilidade.

“já falei que sou imorrível, já falei que sou imbrochável e também sou incomível”¹¹ e “imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável”¹²

O primeiro trecho é parte de uma conversa entre Jair Bolsonaro e seus apoiadores, no Palácio do Alvorada, no chamado cercadinho (local nas proximidades do Palácio do Alvorada em que o presidente encontrava-se de modo informal com seus apoiadores). Na ocasião, Jair Bolsonaro disse ser imorrível, imbrochável e incomível, após um de seus apoiadores lhe perguntar sobre seu estado de saúde. Já o segundo trecho, ocorreu na data de Sete de Setembro de 2022, em Brasília, em evento que contava com grande número de apoiadores. No episódio, durante discurso, o então presidente, entoou para a multidão: “imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável”. Optamos por reunir esses enunciados como parte de um mesmo discurso, pois apresentam conteúdos similares.

A “oração” do imbrochável – que dá título ao artigo - , em nosso ponto de vista, é representativa de uma masculinidade que se sente ameaçada e é emblemática da masculinidade que se constrói no interior do bolsonarismo. Jair Bolsonaro utilizou essas palavras em mais de duas ocasiões durante seu governo, sendo também palavras utilizadas por sua esposa e, ainda, por apoiadores para se referirem a ele e a sua masculinidade. A palavra imbrochável é um neologismo; contudo, remete a um sentido sexual, pois revela potência sexual, sendo popularmente conhecido como *brocha* aquele

¹¹Site Uol. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/17/sou-imorrivel-imbroxavel-e-tambem-sou-incomivel-declara-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

¹²Site CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-puxa-coro-de-imbroxavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

que não possui capacidade de praticar um ato sexual por falta de ereção. Portanto, ela possui conexão com outras análises referentes ao pênis e ao falo.

A palavra incomível também é utilizada por homens em contexto sexual, pois denota, em sentido figurado, que o homem de verdade é incomível e preza por sua masculinidade, jamais será penetrado, diferentemente do homem que mantém relações sexuais com outro homem. Pois para esse homem que se julga ser um macho “de verdade”, aquele que mantém relações sexuais com outro homem é considerado um falso homem, como se fosse uma mulherzinha, sendo destituído de masculinidade. Por fim, a palavra imorrível denota o sentimento de imortalidade do homem, cujas raízes estão em alguns elementos como força, poder, coragem e superioridade. Portanto, as três palavras produzem um projeto de masculinidade atrelado às noções de virilidade, força e poder. Ser homem “Ser homem [torna-se] sinônimo, sobretudo, de não ter medo, não chorar, não demonstrar sentimentos, arriscar-se diante do perigo, demonstrar coragem, ser ativo.” (SOUZA, 2005, p. 60 – acréscimo nosso).

Pierre Bourdieu (2011), em sua obra “A dominação masculina”, realiza uma complexa análise da supremacia masculina e, em seção específica, dedica-se a elaborações sobre virilidade e violência em uma perspectiva relacional com as mulheres e com o feminino: “A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga” (BOURDIEU, 2011, p. 64).

Desse modo, Bourdieu (2011) expõe que o ideal de virilidade carrega, até paradoxalmente, a impossibilidade de uma virilidade acima de qualquer suspeita e uma permanente vulnerabilidade, pois os homens precisam validar essa virilidade perante outros homens, expondo-se a rituais violentos:

Como a honra – ou a vergonha, seu reverso, que como sabemos, à diferença da culpa, é experimentada diante dos outros -, a virilidade tem que ser validada, pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares,

comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes – variante desclassificada da visita coletiva ao bordel –, têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, isto é, fora de todas as ternuras e de todos os enternecimentos desvirilizantes do amor, e manifestar de maneira ostensiva e heteronomia de todas as afirmações de virilidade, sua dependência com relação ao julgamento do grupo viril (BOURDIEU, 2011, p. 65- 66).

Utilizando o pensamento de Elisabeth Badinter (1993), em profunda aproximação com a passagem de Bourdieu (2011), percebe-se toda uma lógica por trás do machismo: em última instância, tenta-se provar algo que inexistente, ou é da ordem do inatingível. Essa conjuntura coloca os homens à prova constante, pois para fazer valer sua virilidade perante os outros homens eles expõem sua fragilidade, pois com isso não apenas os homens morrem e se expõem a outros riscos reais, mas também submetem mulheres e outros homens a relações de subordinação.

Eixo temático 3 - Homofobia e lugar social da mulher.

“um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias. (...) Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”¹³

Trata-se de uma narrativa emitida pelo próprio Jair Bolsonaro durante um café da manhã com jornalistas, em abril de 2019. O trecho revela-se homofóbico, machista e, além de tudo, sugere incentivo à exploração sexual de mulheres. Portanto há duplo sentido contido, pois além de desqualificação das pessoas homossexuais, inclusive a partir de um julgamento moral, considerando a homossexualidade como sendo contrária

¹³Site Metrôpoles. Disponível em: <<https://www.metrosoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-brasil-nao-pode-ser-pais-do-turismo-gay-temos-familias>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

à família, há objetificação da mulher brasileira, colocando-a como objeto sexual perante o turismo internacional. De acordo com Meiriane Aguiar,

a objetificação e a hipersexualização contribui para estereótipos de gênero prejudiciais que normalizam a violência contra meninas e mulheres. Embora todas as mulheres ocidentais vivam em uma cultura de objetificação, nem todas as mulheres são igualmente afetadas por ela. Para Fredrickson e Roberts (1997), existem diferenças individuais nas experiências de autoobjetificação das mulheres e suas consequências. Isso ocorre porque determinados ambientes ou subculturas (aqueles que chamam a atenção para o corpo) aumentam a probabilidade de experimentar a auto-objetificação. (AGUIAR et al, 2020, p. 92).

Dessa forma, podemos observar como a masculinidade do bolsonarismo se ancora tanto na homofobia quanto no sexismo (WELZER-LANG, 2001; ZANELLO, 2020). Assim, não apenas o rechaço à homossexualidade, mas a objetificação do corpo feminino. Em um país com altos índices de feminicídio e lgbtobia, a fala do presidente acaba por naturalizar processos de violência e, mais do que isso, estimular sua reiteração. Não por acaso, conforme o pesquisador Thiago Melo (2022, p. 37),

Uma das definições basilares da masculinidade na cultura ocidental para a construção gênero é que o masculino é sempre e totalmente ativo, o introdutor, o dominador (PRECIADO, 2014). O homem másculo precisa ser, por isso, agressivo, bruto, viril, de acordo com o modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, na qual o ser masculino é representado pelo ser agressivo. Daí, por exemplo, o surgimento da frase “homens não choram”. As emoções, os sentimentos de ternura, compaixão, sensibilidade e amor deveriam ficar restritos ao gênero feminino; enquanto aos homens caberia o desejo da força, da bravura, da luta e do poder (BUTLER, 2010). Não é à toa que, em muitas sociedades, o conceito de masculinidade sempre teve associado às conquistas de territórios por meio de lutas e guerras.

Eixo temático 4 - Símbolos de masculinidade

“Tudo pequenininho aí?”¹⁴

O discurso data de maio do ano de 2019. Bolsonaro passava por um aeroporto no nordeste brasileiro, quando foi abordado por um simpatizante com traços asiáticos. No Brasil, há diversas manifestações que se caracterizaram como xenofobia ou outras formas de violência e que são, erroneamente, tratadas como “brincadeiras” mas que se configuram efetivamente como racismo recreativo. Dentre essas manifestações, há aquelas que se referem ao tamanho do pênis de japoneses, considerados no senso comum como sendo pequenos. O tamanho do pênis também é assunto recorrente no cotidiano relacional de alguns homens, pois quanto maior o pênis, maior o respeito dentro do grupo de homens. Dentro de uma mentalidade heteronormativa, o reconhecimento do “sujeito homem” passa pela afirmação do tamanho do pau (MELO, 2022).

Nesse sentido, a fala do então presidente, que é revestida de xenofobia e discriminação, emerge como forma de autoafirmar-se enquanto homem que não é asiático e, por consequência, seria detentor de um pênis de grande volume (ao contrário de seu interlocutor). Segundo Alcira Alizade (2009), que estuda a complexidade masculina a partir de alguns elementos, entre eles a inveja do pênis:

Enquanto primeiro elemento diferenciador dos sexos, o pênis encarna a presença do falo. O falo, por sua vez, representa um valor narcisista máximo. O investimento narcísico do pênis e seu advento psicocultural à categoria de falo transferem o objeto parcial do genital ao ser inteiro dos homens e os apresentam, comparativamente, num lugar de maior importância e idealização do que o das mulheres, cujos genitais seriam portadores imaginários de uma carência. (ALIZADE, 2009, p. 192)

¹⁴Site Metrôpoles. Disponível em: <<https://www.metrosoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-brinca-com-asiatico-em-aeroporto-tudo-pequeninho-ai>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

O pênis é um órgão sexual do homem, carregado por simbolismos e significantes próprios, conforme nos mostram os estudos em psicanálise. O pênis, enquanto objeto fálico, no imaginário social, confere ao homem uma posição diferente, por exemplo, em relação à mulher. Não é raro ouvir em conversas entre homens, que um homem que se preze deve “honrar” “aquilo que possui entre as pernas”, o pênis. Conforme Alizade (2009):

Nos homens, a carga narcisista do pênis é objeto tanto de orgulho viril como de angústia ante a exigência de cumprir com os requisitos funcionais de máximo rendimento. O temor ao fracasso da função sexual, aos tropeços, à emergência súbita de inibições imperdoáveis, o sentimento de vergonha ao sentir que possui um pênis “feio”, configuram afetos e representações que derrotam a ideia de pênis como perpétuo grande bem. Pelo contrário, em múltiplas ocasiões, ter pênis constitui um simulacro de órgão invejável quando, nas intimidades psíquicas, um homem sofre com seu pênis e se lamenta de seu pobre desempenho erótico. (ALIZADE, 2009, p.192).

A lógica do bolsonarismo não é apenas de autoafirmar-se e se vangloriar, mas fazê-lo a partir da diminuição de um outro. Ao mesmo tempo é interessante perceber o quanto tal configuração de masculinidade – que sente-se ameaçada face a um “pênis pequeno” – está enredada em um permanente medo de ser questionada em sua “macheza”. Nos termos de Sócrates Nolasco, “A ideia de *homem de verdade* carrega em si negação de qualquer possibilidade de fracasso ou limitação” (1997, p. 25).

Nessa configuração, ter um pau pequeno (ou de “chinês” – de acordo com a mentalidade de Bolsonaro) seria contradizer a “hombridade”, a “consistência”, a “firmeza”, a “dureza” que se espera de um homem. Assim, no bolsonarismo, ter “tudo pequenininho, aí” seria fracassar como homem. De acordo com Marco Paranhos (2019),

O “pinto pequeno” figura-se em um exemplo da depreciação masculina, trazendo todo o estigma relacionado ao homem tido como “inferior”, de masculinidade/virilidade questionável, já que o pênis grande se consagrou como a expressão máxima da masculinidade/virilidade ocidental. [...]. Na nossa cultura, o pênis está diretamente associado à inscrição de um corpo generificado como masculino, em um domínio totalmente sexuado. O erotismo masculino é centralizado, definitivamente, no pênis, enquanto um

instrumento de status, vitória e prestígio. [...]. O pênis, quando ereto, se torna o símbolo central, no qual os atributos da masculinidade convergem, enquanto uma representação simbólica e física da virilidade, do “ser homem”. (PARANHOS, 2019, p. 188).

Mas que projeto político de masculinidade pode se sustentar pelo tamanho do pau? Se “Os homens estão sempre desconfiando da masculinidade uns dos outros, colocando-a em suspeita [...]” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010, p. 32), trata-se de reconhecer a fragilidade que cerca um empreendimento aparentemente inquestionável, seus limites, contradições e insustentabilidades.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo compreender as configurações de gênero e masculinidades a partir do contexto político global e local. Ao problematizar a emergência e crescimento no Brasil e no mundo de movimentos de extrema-direita desejamos explicitar as possíveis articulações entre fenômenos vivenciados em escala local, mas que encontram ressonâncias em contextos sociopolíticos mais amplos. Ao nos voltarmos para eventos recentes da história do Brasil a partir do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff e o caráter misógino que o configurou, objetivamos confrontar a noção de que o bolsonarismo se constituiu como uma configuração política conservadora “inédita”.

Ao contrário, trata-se de pensar tal espectro político como produto de uma configuração sociocultural, como a brasileira, extremamente marcada pelo autoritarismo, sexismo e misoginia. Assim, se por um lado nossa história enquanto sociedade brasileira segue marcada por uma tradição autoritária e violenta, e que explica boa parte do machismo à brasileira (SCHWARCZ, 2019; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013), por outro, o crescimento da extrema-direita em escala global a partir de uma

defesa, dentre outras coisas, da “moral e bons costumes”, permite uma compreensão em que local e global se conectam e se articulam.

Nesse exercício, foi fundamental nos debruçarmos à luz do campo de estudos de gênero e masculinidades, sobre alguns discursos amplamente pronunciados pelo ex-presidente da República Jair Bolsonaro e que, em nossa perspectiva, se constituiu como um projeto de reiteração de uma masculinidade hegemônica. O discurso, nesse caso, revelou-se como o instrumento pelo qual o bolsonarismo, a partir de seus idealizadores e partidários, buscou impor um modelo masculinista do que “é” “ser homem” (MACHADO, 2021). Ao longo de seus quatro anos de mandato, foram inúmeros os “comentários”, “brincadeiras”, xingamentos, discursos oficiais do ex-presidente que foram utilizados para marcar um projeto de masculinidade misógino, sexista, LGBTfóbica, racista (...).

Nesse enquadramento, violência e virilidade se tornam símbolos de um projeto geopolítico averso às minorias (sejam elas sexuais, raciais, dentre outras) e de viés autoritário. Não por acaso os trechos que destacamos ao longo do artigo explicitam o caráter articulado do sistema de opressão. A superação de tal modelo de masculinidade com grande impacto no acesso e reconhecimento de sujeitos aponta para a urgente revisão e superação de tais modelos. Assim, se por um lado, evidenciou-se que o discurso bolsonarista e seus enunciados reforçam e reverberam um modelo de masculinidade de caráter misógino, sexista, LGBTfóbico, excludente e normativo, por outro, os temores e pavores que municiam os pânicos morais em marcha atestam sua fragilidade e insegurança.

Por fim, acreditamos que a “oração” do “imbrochável, incomível e imorrível”, mais do que reafirmação dos valores caros à masculinidade hegemônica do bolsonarismo e da extrema direita no mundo ocidental, é a manifestação sintomática de seu caráter sempre precário, instável e contingente de tal modelo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2010). Assim, ao afirmar-se “imbrochável, incomível e imorrível”, o bolsonarismo revela justamente o contrário: sua agonia e pavor face à sua

masculinidade frágil e insegura. Nessa inteligibilidade normativa, trata-se de repetir à exaustão para convencer a si mesmo e ao outro de que o ficcional é a realidade. Ameaçado ante as transformações políticas e sociais, acuado face às mudanças dos valores, inibido diante de sujeitos e coletivos que lutam por visibilidade e reconhecimento, só resta um brado desesperado. Que outras pesquisas possam contribuir para a evidenciação da potência das masculinidades que brocham, são comíveis e mortais (SÁEZ, CARRASCOSA, 2016). Masculinidades estas mais democráticas, não normativas e plurais.

Referências

AGUIAR, Meiriane. *et al.* Objetificação do corpo feminino: uma revisão integrativa das publicações científicas. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Org). **Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais**. Ponta Grossa: Atena, 2020. p. 87-97.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: a invenção do falo – Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Orgs). **Gêneros e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 23-34.

ALIZADE, Alcira Mariam. Cenários masculinos vulneráveis. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 42, n. 77, p. 187-205, 2009.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Boys and Men Guidelines Group. (2018). APA guidelines for psychological practice with boys and men.

ASSUNÇÃO, Carlos Junio de Oliveira. **“Imbrochável, incomível e imorrível”**: uma análise das masculinidades à luz do discurso bolsonarista. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2023.

BADINTER, Elisabeth. **XY La identidad masculina**. Madri: Alianza Editorial, 1993.

BARRAL, Daniel de Castro. **Os estudos das masculinidades na psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica à crítica da invisibilidade.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2019.

BAYDOUN, Mahmoud. **Não sou nem curto afeminados: Reflexões viadas sobre a efeminofobia nos Apps de pegação.** Salvador: Editoria Devires, 2020.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: GALLEGRO, Esther Solano. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018. s/p.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Reflexões sobre a sexualidade masculina.** Reverso, Belo Horizonte, n. 66, p. 83-92, 2013.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, Porto Alegre, 20 (2), p. 185-206, 1995.

CURADO, Jacy Correa e JACÓ-VILELA, Ana María. Estudos de Gênero na Psicologia (1980-2016): Aproximações e Distanciamentos. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 41, p. 1-16, 2021.

DUQUE, Tiago; SEFFNER, Fernando. A epistemologia do segundo armário: canais de gays HIV+ no YouTube como artefatos pedagógicos. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, p. 95-115, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3.ed. São Paulo: Edições. Loyola, 1996.

GUERRIERO, Iara; AYRES, José Ricardo; HEARST, Norman. Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais. **Rev. Saúde Pública** [online], São Paulo, v. 36, n.4, p.50-60, 2002.

IRIGARAY, Luce. **Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher.** São Paulo: Editora Senac, 2017.

JACÓ-VILELA, Ana; CURADO, Jacy Correa. Estudos de Gênero na Psicologia (1980-2016): Aproximações e Distanciamentos. **Psicologia: Ciência e Profissão** (ONLINE), 41, p. 01-16, 2021.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A construção das imagens públicas de Dilma Rousseff e Michel Temer nas revistas semanais. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 8, n. 3, p. 24-40, 2018.

LYRA, Jorge. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil**: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006). Tese de Doutorado em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ. Recife: Fiocruz, 2008.

LYRA, Jorge. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1997.

MACHADO, Rosana Pinheiro. “Tribalismo masculino”: a seita violenta ligada ao “viking” em invasão ao Congresso dos EUA. **BBC-Brasil**, online, 7 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582226> Acesso em: 12 jan. 2023.

MEDRADO, Benedito *et al.* Men, masculinity and the new coronavirus: sharing gender issues in the first phase of the pandemic. **Ciencia & Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 179-183, 2021.

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia**: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1997.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas** [online], Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

MELO, Thiago Benitez de. Quando tamanho é documento: um estudo sobre o pênis no aplicativo Grindr na fronteira. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 29, n. 58, p. 31-47, 2022.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). **O Ódio como Política**: a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

MUDDE, Cas. A direita radical populista: uma normalidade patológica. **Em Tese**, Florianópolis, v. 19, n. 01, p. 1-26, 2021.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. **Desaprendendo o silêncio**: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher. Dissertação de mestrado. Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

NOLASCO, Sócrates. Um “Homem de Verdade”. In: CALDAS, Dario (Org). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 13-29.

NOWAK, João Pedro. **“Barba, cabelo e bigode”**: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia na cidade de Campo Grande – MS. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2022.

PARANHOS, Marco Antonio Vieira. **De olho no boy**: identidades, consumo e afetividade em aplicativos de relacionamento. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira: UFRB, 2019.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. EM NOME DO PAI: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Rev. bras. Ci. Soc.** v.33, n.96, p.1-23, 2018.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SAMPAIO, Juliana; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Saúde do Homem: Testosterona e Masculinidades. **Revista Psicologia & Saúde**, Campo Grande, p. 173-186, 2021.

SATHLER, Conrado Neves; OLIVEIRA, Esmael Alves de. O projeto de estágio em políticas públicas: entre biopolítica, micropolíticas e linhas de fuga. In: ROCHA, Renan Vieira de Santana; TOLOY, Diego Solci; SAMPAIO, Wilson Maranhão. **Psicologia, Sociedade e Desigualdade Social**: Boas práticas na formação em Psicologia. v. 2. Salvador: Diálogos, 2021. p. 59-74.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Alessandro *et al.* O fortalecimento dos estigmas de gênero no fotojornalismo: análise semiológica da edição 2417 da Revista IstoÉ. Intercom - Sociedade Brasileira de

Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. p. 1-23, 2018. <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0377-1.pdf>.

SILVA, Daniella Motta da. A direita radical: os casos de “bolsonarismo” e do partido “chega”. **Revista Neiba - Cadernos Argentina-Brasil**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-23, 2022.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 10(1), p. 59-70, 2005.

STRAUSS, Mariana Dimitrov. **Comer, Postar, Amar: Uma Análise Qualitativa das Postagens de Instagram com a Temática “Body Positivity”**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2020. 35p.

TORGA, Petra. **A teoria da sexualidade feminina em Sigmund Freud e a crítica da supervalorização do homem em Simone de Beauvoir**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de São João Del Rei. São João Del Rei: UFSJ, 2019. 92 p.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas** [online], Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-481, 2001.

ZANELLO, Valeska Maria de Loyola; SILVA, René Marc Costa e. Saúde mental, gênero e violência estrutural. **Revista Bioética**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 267-279, 2012.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, Cumplicidade e Misoginia na “Casa dos Homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (Org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.

“Imbrochable, incombable and immorriable”: An analysis of bolsonarism in the light of masculinities

Abstract: In this article, we turn to the analysis of some speeches given by former president Jair Bolsonaro in the light of the field of masculinities. Based on the Foucaultian perspective of discourse as a discursive practice, we were interested in understanding which masculinity is produced from a discourse characterized by declared and undisguised misogyny, sexism, racism and LGBTphobia. Thus, by mapping and analyzing news and posts made available on social media (online news, digital platforms, social networks, etc.) we aim to unravel the Bolsonarist ideological narrative around a masculinity that is allegedly “unbroachable, inedible and undying”.

Keywords: Masculinities; Bolsonarism. Psychology; Social media; Speech.

Recebido: 18/08/2023

Aceito: 24/05/2024